

O REGIME ESCRAVOCRATA FICCIONALIZADO POR FONTES IBIAPINA:

a representação da escravidão em *Tombador*

THE SLAVE REGIME FICTIONALIZED BY FONTES IBIAPINA:

the representation of slavery in Tombador

Lueldo Teixeira Bezerra¹
Margareth Torres de Alencar Costa²

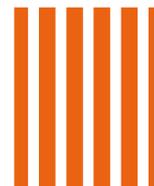
RESUMO: Os estudos literários acerca da escravidão piauiense, em sua maioria, têm como objeto de estudo a carta da escrava Esperança Garcia escrita em 1770. Partindo para o campo da narrativa de ficção, tem-se a obra *Tombador*, de Fontes Ibiapina, cuja narrativa ainda não foi estudada com o intuito de compreender o regime escravocrata piauiense a partir da literatura. Este estudo surge com o intuito de analisar o contexto histórico da referida obra, bem como os meios de sua produção, visando a legitimação da narrativa ficcional na história da literatura piauiense. Assim surge a seguinte questão - Como *Tombador* narra a escravidão piauiense correspondente ao período posterior à seca de 1845 até o início da década de 1870? Para responder tal questionamento, discute-se neste estudo a relação entre a História e a Literatura enquanto formas de narrativas. Para tanto, apresenta-se aqui alguns pensamentos sobre o texto literário como documento histórico, seguindo o pensamento de Ricoeur (1997), Pesavento (2003), dentre outros autores que discutem essa relação. Em seguida, discute-se sobre questões acerca da escravidão no Piauí no período já mencionado. Após essa análise mais bibliográfica, faz-se um exercício analítico e comparativo entre a obra *Tombador* e os jornais piauienses que noticiavam o regime escravocrata no Piauí. Por fim, reflete-se acerca da contribuição de *Tombador* para uma revisão da história da literatura piauiense, de modo a inculcar a temática da escravidão no *hall* das discussões sobre obras de ficção de cunho histórico na literatura piauiense.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão, História da literatura, Fontes Ibiapina, *Tombador*.

ABSTRACT: Literary studies about slavery in Piauí, for the most part, have as their object of study the letter written by the slave Esperança Garcia in 1770. Leaving for the field of fictional narrative, there is the work *Tombador*, by Fontes Ibiapina, whose narrative still was not studied with the aim of understanding the slave regime in Piauí based on the literature. This study arises with the aim of analyzing the historical context of the referred work, as well as the means of its production, aiming at the legitimation of the fictional narrative in the history of Piauí literature. Thus, the following

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Membro do GT de Crítica Genética da ANPOLL e da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética. E-mail: lueldot@gmail.com

² Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do quadro permanente dos PPGS em Letras na Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Líder do Núcleo de Estudos Hispânicos (NUEHIS) na UESPI. E-mail: margarethtorres@cchl.uespi.br



question arises - How does *Tombador* narrate slavery in Piauí corresponding to the period after the drought of 1845 until the beginning of the 1870s? To answer this question, this study discusses the relationship between History and Literature as forms of narratives. Therefore, some thoughts are presented here about the literary text as a historical document, following the thinking of Ricoeur (1997), Pesavento (2003), among other authors who discuss this relationship. Then, questions about slavery in Piauí in the aforementioned period are discussed. After this more bibliographical analysis, an analytical and comparative exercise is carried out between the work *Tombador* and the Piauí newspapers that reported the slave regime in Piauí. Finally, it reflects on *Tombador*'s contribution to a review of the history of Piauí literature, in order to instill the theme of slavery in the hall of discussions on works of historical fiction in Piauí literature.

KEYWORDS: Slavery; History of literature; Fontes Ibiapina; *Tombador*.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A relação entre a História e a Literatura tem sido tema de grandes discussões no campo dos estudos literários. Fatos históricos tem sido mola propulsora para obras literárias ficcionalizarem retratos sociais a partir de um recorte temporal, que juntos formam o pano de fundo de grandes tramas. Enquanto a Literatura utiliza a narrativa histórica para a criação literária, a História faz uso da narrativa literária para ilustrar a representação dos fatos históricos.

O liame entre a História e a Literatura tem construído a cada dia uma história da literatura que se atualiza constantemente envolvendo pormenores que constituem a narrativa de um povo, de um espaço e de um tempo. “Tempo”, elemento caro para a historiografia no campo dos estudos literários. E aqui, neste estudo, o tempo se mostra a partir da narrativa da obra *Tombador*, do escritor piauiense João Nonon de Moura Fontes Ibiapina. Logo, a partir de uma análise que parte de fontes históricas, esta pesquisa busca analisar o contexto histórico da obra *Tombador* e os meios de sua produção ficcional.

A partir de uma análise comparativa entre os jornais piauienses do século XIX, mais precisamente da década de 1860, este trabalho de apuração faz usos de fontes históricas e o texto literário, aliando nesse ínterim a narrativa histórica à narrativa ficcional, o que contribui para uma revisão da história da literatura piauiense.

Este estudo traz apontamentos sobre o texto literário como documento histórico, seguindo o pensamento de Ricoeur (1997), Pesavento (2003), dentre outros autores que discutem a relação da história com a literatura. Apresenta-se ainda, uma discussão que envolve questões acerca da

escravidão no Piauí no período posterior à seca de 1845 até o início da década de 1870, a partir da contribuição de Nunes (2007), Chaves (1998), além de outros historiadores que narram tal período. Após essa análise mais bibliográfica, aponta-se um exercício analítico, comparativo e documental entre a obra *Tombador* e os jornais piauienses que noticiavam o regime escravocrata no Piauí durante o período proposto neste estudo. Todo esse percurso metodológico contribui para que *Tombador* seja incluído na história da literatura piauiense, de modo a incutir a temática da escravidão no *hall* das discussões sobre obras de ficção de cunho histórico na literatura piauiense.

O objeto de análise deste estudo, a obra *Tombador*, de Fontes Ibiapina, faz uso do tempo que corresponde o período do regime escravocrata. Um recorte temporal que vai aproximadamente de 1845 a 1870. A narrativa traz em suas linhas ficcionais dois grandes fatos históricos: a escravatura nas fazendas piauienses e participação dos senhores, bem como seus escravos, na Guerra do Paraguai – 1864 a 1870.

Fontes Ibiapina fez uso de jornais piauienses da época que noticiavam tanto o regime escravocrata no Piauí quanto os passos da Guerra da Tríplice Aliança. A partir de um levantamento historiográfico, o escritor começa a ficcionalizar o ressurgimento da Fazenda Tombador, espaço que testemunhou a Batalha do Jenipapo, um dos conflitos mais sangrentos do processo de Independência do Brasil. A fazenda é apresentada como um espaço que será reabitado a partir da chegada de uma família que comprou as terras.

Trata-se de uma obra que tem muito a contribuir com os estudos histórico no campo dos estudos literários, uma vez que o seu autor traz relatos ficcionalizados, porém, pautados na imprensa piauiense que noticiava também o regime escravocrata do período. Além desse fato histórico, há ainda a ficcionalização de alguns pontos da Guerra do Paraguai, considerando o espaço piauiense. É o que será apresentado neste estudo.

2. O TEXTO LITERÁRIO COMO DOCUMENTO HISTÓRICO

O entrelaçamento entre a Literatura e a História se constitui a partir da aliança entre duas modalidades de discurso, que, desde as origens mais remotas, desenvolvem-se em terreno comum: a narrativa. Partindo desse pressuposto, faz-se necessário pensar nos limites que apontam

diferenças e semelhanças entre uma e outra. A maneira como se dá o exercício da narrativa se diferencia ao que tange na forma de representar a realidade.

A consciência de distinções e identidades entre as duas categorias - saber e discurso - aparece constantemente no campo dos estudos literários. Paul Ricoeur (1997), ao estabelecer o diálogo entre a História e a Literatura, a partir da ideia de temporalidade como objeto partilhado pela narrativa ficcional e pela narrativa histórica, afirma que ambas são “capazes de realizar a refiguração do tempo” (RICOEUR, 1997, p. 11). Desse modo, a narrativa enquanto tal possui a capacidade de transfigurar a experiência humana em relação ao tempo humano no campo dividido entre a História e a Literatura.

A experiência em observar o percurso dessa articulação interdisciplinar gera conflito devido à fragilidade do caminho a ser percorrido, bastante impreciso, porque as características que regem ambos os discursos decorrem de regras da própria historicidade. Segundo Peter Burke (1997, p. 11), duas funções contraditórias são cumpridas na delimitação das fronteiras entre gêneros; semelhantemente às fronteiras culturais, elas “são obstáculos à comunicação e também regiões de encontro”. À primeira função, o autor nomeia como “fronteira fechada”, e à segunda, “fronteira aberta”, assinalando que uma depende da outra, e que o papel do historiador da cultura é elucidar, ou tentar mostrar, o modo como o processo se realiza.

Ao pensar no entrecruzamento de duas áreas distintas, deve-se pensar na formação de uma terceira. Tem-se a História da Literatura. Quando ambas se encontram na narrativa ficcional, precisa-se invocar a História da Literatura que, por sua vez, está em constante desenvolvimento, uma vez que uma sociedade é resultado não de uma única história, mas sim, de várias histórias. Logo, pode-se afirmar que a História da Literatura é atualizada ao longo dos vários estudos literários que bebem em fatos históricos que marcaram o seu tempo.

Mas, a partir de qual momento o texto literário assume a função de documento histórico? Como a História ver o texto literário? Qual a influência da História sobre o fazer literário? Quais os cuidados que o pesquisador deve ter ao percorrer sobre a fronteira entre a História e a Literatura? É o que se tentará discutir aqui.

Durante o século XIX, o fazer literário estava voltado para os interesses que ofereciam entretenimento para a sociedade. Por sua vez, a História via a Literatura como exemplo que justificava o discurso histórico (PESAVENTO, 2003). Foi só a partir do período que compreende ao entremeio das décadas de 1960 e 1970, que a Literatura passou a assumir uma função engajada

ao que tange aos interesses pertencentes à sociedade. A História começou a se preocupar em constituir uma visão crítica e praticar o exercício da denúncia de injustiças sociais.

Para Pesavento (2003, p. 32):

[...] são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto.

Eis o denominador comum para a História e a Literatura: a representação do social. A missão de ambas resulta no distanciamento entre elas. O texto literário, ao representar uma dada realidade, faz uso das possibilidades que permeiam a ficção. O texto histórico, ao representar o real, faz uso da técnica da descrição no exercício da narrativa. O texto literário recria a realidade dando vez aos pormenores que a História deixou de lado ao jogar não importante.

Nesse espaço que não deve ser compreendido como uma disputa de forças, a Literatura passa a ser compreendida como um documento que contribui para os estudos na área da História, uma vez que aquela possui informações que essa passou por despercebidas. Assim, a História passa a ver a Literatura como fonte a partir do momento que a ficção traz retratos do tempo, do espaço e da sociedade de modo que essas informações venham a somar com o discurso da História.

Para Roger Chartier (2009, p. 27), “a literatura se apodera não só do passado, mas também dos documentos e técnicas encarregados de manifestar a condição de conhecimento da disciplina histórica”. Considerando o fato histórico abordado por Fontes Ibiapina, em seu livro *Tombador*, obra aqui a ser estudada, o escritor, durante o processo de criação da narrativa, buscou nos jornais da época notícias que informavam sobre a escravidão no Brasil, sobretudo no estado do Piauí, durante o período de 1864 a 1871. É exatamente isso que Chartier (2009) defende a partir de seu pensamento, a Literatura vai buscar na História retratos da realidade para que o texto literário surja como representação do real.

Candido (2006) chama atenção do pesquisador que se propõe a estudar o texto literário que traz a história como pano de fundo. Para o autor, olhar para o texto literário a fim de verificar a realidade social exclusivamente a partir da estrutura da ficção, de modo que o contexto seja desconsiderado, tem sido um exercício de análise frágil para os estudos literários.

Só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que se explicava pelos fatos externos quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos ainda que o externo, no caso o social, importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2006, p. 13)

Então, é de suma importância que o pesquisador compreenda, logo de início, que a Literatura, enquanto documento histórico, continua com a concepção de verossimilhança, ou seja, é um trabalho artístico e como tal, traz em sua estrutura a arbitrariedade, bem como o poder de reconstrução, para que só depois se pense na representação do real. Aqui, a noção de “reconstrução” é pensada a partir do querer do escritor no ato da sua criação literária.

Na ficção, o uso de acontecimentos históricos tem como efeito torná-los diferentes do universo social que inspirou o autor, já que ele os representa a partir da própria perspectiva. Eles não são cópias da realidade, mas resultados da maneira de como o autor a interpreta, resultando numa realidade diferente da originária. Os olhos do escritor fazem o leitor subverter o mundo no qual ele é um ser atuante, levando-o a produzir uma realidade filtrada por seus anseios, ideologias e preconceitos, os quais se tornam marcas determinantes do valor estético do texto ficcional.

3. **TOMBADOR: ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA**

Pensar sobre o valor histórico de uma obra de ficção leva o pesquisador a caminhar sobre espaços representados por áreas do conhecimento que assumem outras posturas diferentes daquelas que os estudos literários tomam para si. Chama-se a atenção aqui para o valor histórico, ou, em outras palavras, representações históricas que o escritor fez uso para construir sua narrativa.

Assim, tem-se a aproximação da História com a Literatura, como já foi mencionado.

O liame entre a História e a Literatura leva o pesquisador a pensar sobre os campos de representação no que tange a criação literária, remontando o processo de ficcionalização e possível representação do real. Aqui, tem-se o ponto de surgimento do entrelaçamento dos processos históricos-sociais-culturais-artísticos. Com foco no último processo, o artístico, Bourdieu (1992, p. 277) apresenta o conceito de campo literário. Para o autor, é por meio desse campo que “[...] a análise das sucessivas versões de um texto lograria sua plena força explicativa se visasse a

reconstruir [...] a lógica do trabalho de escrita entendido como pesquisa levada a cabo sob o constrangimento estrutural do campo e do espaço dos possíveis que lhe é inerente”.

A História na Literatura corresponde a um processo de transcendência de campos. No entanto, tal processo acontece de forma convergente ou não, de modo que a obra de ficção surja como produto sociocultural trazendo aspectos que correspondem a um tempo, a um espaço e a uma sociedade.

Em *Tombador*, pode-se perceber a representação da história da escravidão nas fazendas piauienses, a qual Fontes Ibiapina recorre aos jornais que noticiavam o regime escravocrata nas mais variadas notícias. Logo, o campo literário assume o posto de *locus* para a construção do campo historiográfico.

Tombador, obra escrita por João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, mais conhecido como Fontes Ibiapina, e publicada em 1971, traz em suas linhas relatos que denunciam o regime escravocrata no Piauí posteriormente a seca de 1845. A obra envolve um recorte temporal que abarca o início da década de 1870. Estruturada em uma narrativa cíclica, isto é, a trama se encerra no mesmo ponto onde começou, apresenta seu narrador em 3ª pessoa, estruturalmente dividida em 39 capítulos.

A obra aqui estudada tem como espaço a Fazenda Tombador³, local histórico que assistiu a Batalha do Jenipapo, um dos conflitos mais sangrentos do processo de independência do Brasil. Fontes Ibiapina ficcionalizou a fazenda após ter suas cortinas fechadas e obscurecida pelo sangue de vários piauienses derramados na guerra da independência. Assim, inicia-se um processo de desmistificação do espaço para se dar início a trama.

O negro cativo é apresentado como um sujeito que ora assume o papel de alguém que o seu senhor assume sua importância para o desenvolvimento da fazenda ora é apresentado como um sujeito cativo e que sofre os maus-tratos praticados por seus senhores. Há uma mestiçagem na formação da sociedade representada por Fontes Ibiapina na sua obra aqui estudada – o negro e o branco, em uma relação de subserviência daquele para este, ocupam o espaço que assistirá um conflito de forças.

O início da narrativa já informa sobre a chegada de Bernardino de Góis, na condição de posseiro, em companhia de sua esposa Justina, recentemente casados. Bernardino tinha o objetivo

³ A Fazenda Tombador é um lugar que pertence à história do Piauí. O local foi onde Fidié e seu exército repousaram após o confronto da Batalha do Jenipapo.

de reestabelecer a fazenda Tombador, restaurando a atividade agropecuária naquelas terras. O narrador apresenta a fazenda da seguinte forma:

Quando ali chegaram, não havia vivalmas para remédio por aquelas bibocas. Foi no quinto ou sexto (ou coisa beirando por aí assim) ano depois da seca de 1845. Naqueles tempos aquelas paragens não tinham para bem dizer donos [...] o primeiro que chegasse podia se apossar da maneira que bem entendesse. E foi justamente o que Bernardino de Góis fizera. (IBIAPINA, 1971, p. 09)

Naquele espaço, iniciaria uma nova fase que envolveria a participação dos escravos para a reestruturação da Fazenda Tombador, uma vez que se fazia necessário a contribuição de uma mão de obra provida de força para que as cortinas da fazenda se abrissem novamente. O fazendeiro Bernardino, presenteado por seu pai Agostinho de Góis, passa a ser detentor de uma mão de obra escrava. Dá-se início então, após a sua chegada na fazenda, a construção de um açude, com a finalidade de darem basta aos castigos da seca na região. O abastecimento de água na fazenda Tombador durante todo o ano garantiria o sustento do gado, bem como o cultivo da lavoura.

Começa então, o novo ciclo da Fazenda Tombador, que será marcado pelo ressurgimento do espaço e o desfalecimento da família posseira das terras. A presença do negro cativo também traz sua forte contribuição para o desenvolvimento da obra, assumindo, em mais uma obra de ficção, o posto de sujeito que recebe inúmeros castigos do seu senhor que, em alguns casos, chegavam a não resistir a intensidade do castigo.

Para Barros (2012, p. 178),

Tombador é um romance de muito sofrimento. As danosas relações entre os senhores de terra e as mucamas escravas, com a cruel interferência das patroas, poupava os homens e destruía as mulheres. A surra de couro que Justina mandou Pindoba dar em Julinha não teve argumento que impedisse [...]. E ainda teve as costas feridas cobertas de sal, misturado com xerém, onde os pintos fizeram a festa. Essas eram passagens que machucavam o coração de Nonon. Ao escrevê-las, trazia para o caderno uma tentativa de denunciar a opressão vivida pelos escravos no século XIX.

Como se pode observar no trecho acima, considera-se que *Tombador* traz, a partir de sua ficção, a existência do escravo, de forma que o dia a dia do negro é apresentado dentro de um espaço que oprime o cativo, ao considerá-lo como alguém que não tem sua liberdade como direito de gozo. Nota-se que o cativo sofre os mais cruéis.

Para a construção da trama, Fontes Ibiapina recorreu aos jornais que noticiavam o regime escravocrata, compreendendo à década de 1870, momento que culmina com a Guerra da Tríplice Aliança. Para se compreender a relação entre *Tombador* e os jornais, a seguir, apresenta-se um paralelo entre a ficção de Fontes Ibiapina e os correios de voz da época, de forma de que se constitua uma análise histórica sobre o texto literário.

3.1 *Tombador* e as notícias escravistas

A compreensão do regime escravocrata no estado do Piauí se diverge entre as várias opiniões de historiadores. A presença da mão de obra negra na colonização do Piauí se deu a partir do campo, com a pecuária e mais tarde com a plantação de algodão. Há certos questionamentos sobre a relação entre os cativos e seus senhores. Indaga-se o comportamento e a recepção dos escravos na e pela sociedade piauiense.

Segundo um dos primeiros colonizadores dos sertanejos piauienses, Domingos Afonso Mafrense, registrado em seu testamento de 1711, a escravidão de africanos e seus descendentes no estado do Piauí se fez presente desde a criação dos primeiros currais até a abolição do regime escravagista em 1888.

Sodré (1976) explica que dentre os colonos que habitavam o sertão nordestino, predominava os que vinham das zonas litorâneas que, de acordo com a tradição, eram escravistas. Segundo o historiador, esse colonizador não se distanciava da regra do homem que emigra, uma vez que ele carrega consigo seus hábitos, seus conhecimentos, as normas e os demais elementos formadores de sua cultura, testemunhando sua história.

O que se questiona é como se dava a relação entre os senhores e seus escravos. Segundo o que registra a historiografia piauiense, pode-se perceber pontos de divergência e convergência quando se trata da escravização dos negros no Piauí. Historiadores regionais apontam argumentos que narram as relações sociais entre os escravos e seus senhores a partir de concepções paternalistas e o do regime ferro e fogo.

Estudos acerca da escravidão no Piauí ainda apontam lacunas expressivas no que diz respeito ao sistema escravista urbano. A maioria das pesquisas já realizadas debruçam-se sobre a análise do sistema escravista proveniente da cidade de Teresina. A cidade teve sua construção

iniciada por volta de 1850, mas foi só em 16 de agosto de 1852, a partir do decreto do Presidente da Província, José Antônio Saraiva, que ela foi institucionalizada como a capital da Província.

Não faz muito tempo que a historiografia piauiense passou a se preocupar em estudar o escravizado neste contexto urbano. O historiador Odilon Nunes (2007, p. 251) fez várias comparações que narram como o sistema escravista vigorou na zona canavieira. Para o historiador, acerca da escravidão no Piauí, “o negro tinha vida de folgazão, especialmente os das Fazendas Nacionais”. Considerando uma concepção do paternalismo, Odilon Nunes (2007, p. 250) é categórico ao afirmar que no Piauí, o regime escravagista era um tanto quanto brando em todos os aspectos. Segundo Nunes (2007), as cortesias eram destinadas principalmente aos escravizados das Fazendas Nacionais, pois não havia a presença de controladores.

Em contrapartida à visão paternalista da escravidão no Piauí pregada por Nunes (2007), Chaves (1998) aponta um sistema escravista em terras piauienses dividido em duas fases – “uma primeira em que imperou com certa ênfase o regime de ferro e fogo, com os castigos mais violentos e cruéis, com o abandono dos doentes e dos velhos. Esta fase enche todo o período colonial alargando-se pelos começos do Império” (CHAVES, 1998, p. 190).

Chaves (1998) explica que a segunda fase foi pautada em um regime escravagista menos árduo e violento, baseado em um tratamento mais cuidadoso aos negros. Para o padre Chaves (1998), os senhores possuidores de escravos tinham um comportamento comum nos anos da década de 1850, explicado pelas medidas que começaram a ser implantadas para o cumprimento da lei de 1831, documento que tornou extinto o tráfico de negros africanos para as terras brasileiras. No entanto, a segunda fase da escravidão no Piauí não foi tão bondosa como se pensa, uma vez que “houve nela muito tronco, muita gargalheira, muitos escravizados castigados e mutilados” (CHAVES, 1998, p. 191).

A carta da escrava Esperança Garcia, mantida cativa no estado do Piauí, escrita em 6 de setembro de 1770, desvela uma escravidão no estado não tão branda quanto Nunes (2007) preconizou. A carta tem como destinatário o Governador da Província do Piauí. O documento, seguindo o modelo de petição da segunda metade do séc. XVIII, denuncia para o Governador os maus-tratos sofridos por Esperança Garcia e seu filho. A carta é considerada um dos documentos mais antigos que traz registros da escravidão no Brasil, sobretudo no estado do Piauí.

De acordo com o clérigo Chaves (1998), outro aspecto marcou também a segunda metade do século XIX - a redução no número da população escravizada do Piauí. Tal feito decorreu-se do

alto índice de mortalidade dos escravizados, a libertação dos sexagenários e o tráfico interprovincial. Chaves (1998) ainda aponta que a imprensa era um canal de comunicação que estava ao lado dos escravizados, de modo a denunciar os castigos praticados contra os negros.

Diante do exposto, faz-se possível afirmar que a escravidão no Piauí traz pensamentos convergentes e divergentes no que diz respeito a existência do regime. A sua existência é fato. A forma do regime é o que causa certos questionamentos. Contudo, considerando a carta da escrava Esperança Garcia, houve sim, de fato, um regime escravocrata pautado na prática da violência como forma de manter a ordem entre a classe cativa. *Tombador* segue essa perspectiva, ao trazer, por meio de sua ficção, tal temática.

A escravidão no Piauí seguia, a seu modo, o modelo escravagista advindo do Brasil quando colônia de Portugal. Tal modelo tinha como manutenção a prática da violência como modelo de coerção para que se conseguisse manter a ordem entre os cativos. A prática da violência contra os escravos chegava a ser estampada em jornais que denunciavam os abusos dos senhores aos seus escravos em terras piauienses.

Como exemplo desses atos cruéis, segue a notícia: “O escravo Francisco perna, além de sua triste condição, soffreu o rigor da ferocidade do coronel Clementino, sucumbindo pouco depois de passar pela castração, que de ordem sua lhe foi executada; e implorando a justiça dos céos também por sua vèz o amaldiçoou” (A IMPRENSA, 1869, EDIÇÃO 217).

Atos de crueldade marcaram o regime escravocrata nas fazendas piauienses construindo um período regido pelos chicotes dos fazendeiros que tinha como cativo seus escravos, sendo esses que mantinham a produção econômica das grandes fazendas da época. Para Brandão (1999), nas fazendas particulares, a violência e os maus tratos contra os escravos eram maiores e com mais recorrência, uma vez os senhores de escravos estavam acompanhavam de perto o dia a dia dos seus escravos. Para o autor:

Quando se pretende estudar o funcionamento da escravidão no Piauí, faz-se necessário observar, em primeiro lugar, que, de acordo com o tipo de proprietário, existiam pelo menos dois grupos de escravos: um composto por cativos pertencentes à Coroa e outro que abrangia os de propriedade de particulares. Este fato implicaria na vigência de pelo menos dois tipos de tratamentos. [...] Quanto ao tratamento dispensado ao escravo do fisco, ocorria fator interessante que provavelmente implicaria em forma menos violenta. (BRANDÃO, 1999, p. 158-160)

Os escravos que pertenciam às fazendas nacionais recebiam um tratamento diferenciado daquele que estavam sob posse das fazendas particulares. Ambos os tipos de proprietários tinham a posse do cativo, contudo, o senhor de escravo era representado por uma única pessoa que poderia agir como bem entendesse sobre o seu escravo. Já a fazenda nacional era representada pelo governo, o que correspondia a uma instância mais distante do dia a dia do escravo, que era mantido como cativo naquele lugar.

Um anúncio comum publicado nos jornais piauienses da época era a notícia de escravos fujões, como pode ser na notícia a seguir:

Fugio ao abaixo assignado no dia 20 de Fevereiro deste anno o seu escravo cabra de nome Sebastião, altura regula, idade vinte seis annos; gosta muito de divertimentos, beber e mascar fumo, tem os dentes limados, os dêdos dos pés bem abertos, os cabellos pretos. O abaixo assignado roga a todas as authoridades que recommendem a captura delle, que sendo preso o venha trazer na fazenda Bucaina deste termo dos Picos, que pagará toda essas despesas que por ventura se fizer na captura delle.
Bucaina 9 de Março de 1866.
Egídio Antonio de Souza. (A IMPRENSA, 1866)

A caça aos escravos fujões logo chegava aos ouvidos da sociedade. Recompensas eram oferecidas a quem conseguisse capturar o cativo e trazer ao seu dono. Uma disputa logo começava entre aquele que ganhavam a vida procurando escravos que fugiam de seus donos. A recompensa chegava a ser um valor atrativo, dependendo do valor que o escravo possuía para o seu senhor.

Em *Tombador* encontra-se também esse tipo de acontecimento.

O mais duro da parada era que o tempo estava tão ruim, tão ruim... que até de pé êles [sic] foram. E se fôsem [sic] pegados por aí a fora como negros fujões?! Tal miséria, entretanto, não seria possível. Iam prevenidos. Documentados. Munidos de cart-branca do mais importante homem da vila dos Picos. Carta assinada pelo independente que era até coronel da “Briosa”. E outro documento rezando que êles [sic] andavam atrás de um negro fugido. Dando até os sinais do cujo sobredito – alto, forte, prêto [sic] retindo e sem marca, beço trombudo, cabellos encarapinhados, dentadura completa, bem branca e limada. (IBIAPINA, 1971, p. 144)

Em alguns casos, os próprios escravos saíam a procura de seus colegas que fugiam. Com a finalidade de trazerem de volta o escravo fujão, os cativos não viam essa missão como apenas uma obrigação, mas como uma forma de ganhar respaldo com o seu senhor. Assim, saíam mata a fora a procura daquele que fugiam das fazendas. Quando capturados, o cativo era castigado, como lição para não querer mais fugir das senzalas.

O castigo aos escravos era uma prática comum que passaram a ser representadas na imprensa e posteriormente na literatura. Em *Tombador*, tais relatos de violência podem ser observados no seguinte trecho:

Lá da parede do açude, Sebastiana ouvia os uivos da negra. Mesmo não se tratando de novidade. Nunca se viu serra outra tão grande naquela casa. Chega o coração da negra velha só faltava saltar bem acolá., de tanto baticum de compaixão. Vez por outra, o negro suspendia o tempo e perguntava pra branca, na bruta calma:

- Chega?

- Chega não? (IBIAPINA, 1971, p. 62-63)

A prática da violência contra os escravos foi uma triste realidade existente durante o regime. No estado do Piauí, alguns historiadores afirmam que tais práticas aconteceram mais nas fazendas que ficavam na zona rural, região mais distante da capital. Desse modo, esses atos de crueldades não chegavam a ser noticiados nos jornais da época.

Tombador apresenta uma visão sobre o negro a ponto de elucidar um ponto de vista pautado na desumanização do cativo enquanto sujeito, como pode ser observado no trecho a seguir, no qual o narrador, ao apresentar o coronel Bernadino, profere: “Vinha casadinho de fresco. Com um pé-de-meia bem servido: uma boa ponta-de-recurso que o velho lhe dera de mão-beijada. Pra dizer, com até mais ou menos obra de para mais de meia dúzia de negros cativos, inclusive negras parideiras” (IBIAPINA, 1971, p. 09).

Observa-se como o negro estava na condição de bem de posse do seu senhor. Possuir escravos durante o regime escravocrata era sinônimo de respaldo no que diz respeito ao poder aquisitivo dentro de uma sociedade escravocrata. Bernadino, recém-casado, assume um novo posto frente à sociedade, não apenas no que diz respeito ao seu novo estado civil, mas também ao seu novo patamar social, um senhor de escravo, que agora estava a descortinar as velhas terras da fazenda Tombador.

Na sociedade da época, ter escravos correspondia a um poder aquisitivo elevado. A obra aqui analisada reflete isso ao expor: “Os fazendeiros possuíam gado de-com-fôrça e muita terra. E quem possuía terra e gado por aquelas redondezas, naqueles tempos, podia dizer que tinha pano para as mangas. E cativo também, que uma coisa fazia parte da outra. Cativo era como se [fosse] gente-gado” (IBIAPINA, 1971, p. 72).

O negro era visto como uma mercadoria que representa valor econômico não apenas para o mercado, mas também para a sociedade. Como uma moeda de troca e uma mão de obra barata, os escravos eram submetidos a castigos cruéis caso desobedecem às ordens impostas pelos seus senhores. Durante muito tempo do regime escravocrata, as torturas contra os cativos estamparam as páginas de muitos jornais não só no Piauí, mas em todo o Brasil.

Nos jornais que circulava, no estado do Piauí durante o século XIX, faz-se possível encontrar várias notícias que tornavam público a prática de castigos, nos quais era utilizado a violência física contra os escravos tanto na capital quanto nas fazendas do interior do estado do Piauí.

O Jornal *A Época* foi um dos jornais que mais denunciou os maus tratos contra os cativos. O periódico tinha como lema: “jornalistas do mundo inteiro: despi-vos dos preconceitos nacionais, denunciad todos os crimes e nomead os criminosos” (PINHEIRO FILHO, 1997, p. 88-89). A notícia abaixo ilustra uma das várias torturas contra os escravos que o jornal *A Época* trouxe a público na capital piauiense.

Foi levado a presença do Dr. Chefe de polícia, no dia 11 deste mês, um escravo – surrado por tal forma a causar horror a todos quando o virão. Veio do sítio Altamira, de propriedade o senhor tenente-coronel Miguel Pereira de Araújo, onde fora o infeliz amarrado a um banco por um filho do referido tenente-coronel e desumana e barbaramente surrado. As regiões dorsal, torácica e abdominal do miserável escravo apresentam as mais horríveis cicatrizes. A região frontal - grandes echymose produzidas pelos saltos de sapatos como referido pelo mesmo escravo. As pernas e braços também apresentam grandes sinais profundos de relho! O infeliz, apesar de moço e de constituição vigorosa, mal pode andar! E tanta crueldade foi posta em prática por causa de um furto de uma espiga de milho! O infeliz escravo é de propriedade de uma órfã, filha do finado capitão Boa-vista. Razão demais para ser punido o autor do atentado. Consta-nos já ter sido feito o exame de corpo de delito em vista do qual o delinquente não pode se eximir a punição, se o patronato e a proteção ao crime não vier alçar o colo contra os reclamos da justiça social. Agradamos o Resultado. (A ÉPOCA, 14 de dezembro de 1878)

Nota-se que as notícias como a mencionada acima vão ao encontro do que Chaves (1988) postulou ao afirmar que a imprensa piauiense foi uma grande aliada dos escravos quando, em suas páginas de notícias, tornava público aqueles que torturavam os cativos. Como se pode observar na notícia, o jornal *A Época* foi categórico ao considerar em público que o agressor do escravo deveria ser considerado um criminoso, indo mais além em seu posicionamento - exigindo das autoridades

uma punição para o agressor. colocar o agressor do escravo na condição de criminoso e a exigir da autoridade a punição devida.

Em *Tombador*, também há vários registros das torturas as quais os cativos eram submetidos. A título de exemplo, tem-se a passagem a seguir que discorre sobre uma cena que desponta o nível de crueldade sobre o negro.

Chamou Julinha para o quarto da despensa. Mandou novamente que ficasse nuazinha como nasceu e se estirasse num banco. A pobrezinha ainda disse, como todo tom de lamúria:

– Iaiázinha de Deus!.. Que culpa de minha parte!? O que é que Ioiôzinho quer fazer com a gente que não faz?

[...]

Justinha pegou encheu as mãos de sal e botou por cima daquelas feridas todas. Depois botou xerém de milho por cima do sal. Aí foi buscar um bocado de pintos e botou-os em cima das costas da pobre. Os pintos mandaram o bico pra cima, catando os farelos de milho na maior das gulodices. Chega Julinha, de tanta dor sem cabimento, se torcia que mais se torcia em cima do banco. (IBIAPINA, 1971, p. 64-65)

No trecho acima, Justina, esposa de Bernardino, ao descobrir que ele a traía com a escrava Julinha, só esperou o marido viajar para castigar a cativa. Após Julinha ser açoitada no tronco, Iaiázinha, como os cativos chamavam Justina, não satisfeita com chicotadas sobre a negrinha, chama a escrava para a despensa para continuar com seu momento de prestação de conta.

A crueldade de Justina ao coloca sal, xerém de milho sobre as feridas abertas e, em seguida, colocar os pintos para se alimentarem sobre as costas da escrava esvaindo em sangue demonstra tamanho sofrimento que os cativos passavam sem sequer ter a quem recorrer para salvá-los da crueldade dos brancos que detinham a posse dos escravos.

Relatos como esses foram notícias corriqueiras nos jornais da época. Inúmeros escravos fugiram por não suportarem mais a uma vida desumana imposta pelos seus senhores. Outros não resistiram aos açoites quase que diários e morreram com seus corpos sendo açoitados em troncos nos terreiros das casas-grandes. Vidas se desfaleciam diariamente de forma corriqueira.

Tais cenas ganharam representatividade no campo literário, como foi mostrado a ficcionalização da escravidão no estado do Piauí criada por Fontes Ibiapina. O escritor, a partir de estética literária demarcada pelo regionalismo, traçou ao longo de *Tombador* como o escravo sobreviviam em uma terra castigada pela seca e governada pelos senhores de escravos. O negro era rodeado pela falta de água e pelo chicote que regia suas vidas sobre os troncos das casas-grandes.

Em *Tombador*, o negro sofre castigos por ser propriedade de seu senhor, obtido para manter a lucratividade da fazenda, bem como, a organização da casa-grande. Trata-se de uma obra de cunho histórico por dois vieses: a escravidão no Piauí e a participação do piauiense na Guerra do Paraguai, sendo esse segundo fato histórico tema para outros estudos que se debruçam sobre os aspectos históricos na obra aqui estudada. Trata-se de uma narrativa que tem a contribuir para a história da literatura piauiense a partir de suas representações ficcionais, ao trazer registros históricos em consonância com os jornais piauienses do século XIX que testemunham momentos da história do Brasil – o regime escravocrata e a Guerra do Paraguai.

3.2 *Tombador* e a história da Literatura Piauiense

A história oficial traz algumas divergências ao que tange ao regime escravocrata no estado do Piauí. Historiadores renomados como Odilon Nunes e o clérigo Pe. Monsenhor Chaves narram, de maneiras diferentes, a escravidão no Piauí. Enquanto Nunes (2007) aponta para um regime escravocrata paternalista, Chaves (1998) discorre sobre violências contra os escravos que trabalhavam em terras piauienses.

Essa divergência perpetua sobre outros historiadores que buscaram dar enredo ao período da escravidão no Piauí. Enquanto uns defendem um regime mais brando, outros narram as práticas de violência durante o escravagismo piauiense, como é o caso do historiador Luiz Mott, que em sua dissertação de mestrado, encontrou no Arquivo Público do Estado do Piauí a carta da escrava Esperança Garcia. O documento narra as violências sofridas pelos escravos piauienses nos idos da década de 1770.

Os estudos literários acerca da escravidão piauiense, em sua maioria, têm como objeto de estudo a carta da escrava Esperança Garcia. Partindo para o campo literário, dentre as pouquíssimas obras de ficção que trazem tal temática em seus enredos, tem-se a obra *Tombador*, de Fontes Ibiapina, cuja narrativa ainda não foi estudada com o intuito de compreender o regime escravocrata piauiense a partir da literatura.

Faz-se necessário incluir na história da literatura piauiense outras obras, cuja temática traz a luz a escravidão no Piauí. Para tanto, necessita-se que estudos se debruçam sobre obras de literatura piauiense que narram tal assunto, de modo que se amplie os horizontes da crítica literária, bem como da história da literatura.

Chartier (2002) apresenta uma visão acerca da construção de um novo espaço intelectual, sendo que nesse novo espaço, introduza-se obras em sistemas tidos como restritos, mas que contribuem para compreensão de sua produção. Para tanto, o autor defende que

Produzidas em uma ordem específica, as obras escapam dela e ganham existência sendo investidas pelas significações que lhe atribuem, por vezes na longa duração, seus diferentes públicos. Articular a diferença que funda (diversamente) a especificidade da literatura e as dependências (múltiplas) que a inscrevem no mundo social: esta é, a meu ver, a melhor formulação do necessário encontro entre a história da literatura e a história cultural. (CHARTIER, 2002, p. 259)

Chartier (2002) destaca que o tempo não o único elemento a ser considerado ante à análise de um texto literário de cunho histórico. A questão do social traz consideráveis compreensões que leva o leitor a adentrar, de fato, no enredo da obra, de modo que haja o entendimento da ficção na maneira mais ampla que o texto possibilita. Assim, percebe-se as várias possibilidades de se analisar uma obra literária pelo viés da história da literatura.

Para a história da literatura, uma obra, que traz como pano de fundo um recorte histórico, deve ser estudada a partir de seu contexto de produção, de forma que não se detenha apenas ao tempo que ela remete, como afirma Bosi (1992). O pensamento de Chartier (2002) coaduna com o de Bosi (1992), quando o primeiro se preocupou em compreender a representação do tempo a partir do enredo da obra e segundo pensou não apenas acerca da produção da obra, mas também, sobre possíveis relações que o texto literário estabelece com a sociedade.

Tombador pode ser considerada uma obra que carece que os estudos literários, sobretudo da história da literatura, se voltem para ela, de modo a estudar o ciclo narrativo delineado por Fontes Ibiapina, para que se compreenda o valor literário e histórico da narrativa, de modo a contribuir para uma revisão da história da literatura piauiense a partir dos fatos históricos que o escritor fez uso.

Obras como *Teodoro Bicanca*, de Renato Castelo Branco, chegam até citar a temática da escravidão, no entanto, de forma sumária e posterior ao período de libertação dos escravos. Em *Ataliba, o vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco, até se discute sobre o negro em um lugar de destaque na narrativa, contudo, refere-se a um período pós escravatura. Assim, *Tombador*, até então, no campo dos estudos literários, tem se mostrado como uma das obras de ficção que mais se destaca na representação da escravidão na literatura piauiense.

Portanto, a história da literatura piauiense carece de uma revisão, uma vez que o tema da escravidão ainda não foi incutido no *ball* das discussões de análise a partir da obra *Tombador*. Além do regionalismo, da seca, da linguagem, da memória, a literatura piauiense traz temas históricos, dentre eles, o regime escravocrata em suas mais diversas possibilidades de representação do período.

Tombador é uma obra que deve ser incluída na lista de obras de cunho histórico que integra a história da literatura piauiense, de modo que traz relatos da manutenção do regime escravocrata em fazendas piauienses, distanciando-se até mesmo dos estudos históricos pela própria História. A escravidão na zonal rural do Piauí é um tema ainda pouco abordado nos estudos históricos e inexistente no campo dos estudos literários. E *Fontes Ibiapina*, por meio da ficcionalidade em *Tombador*, traz registros históricos que contribuem para estudos no âmbito da história da literatura piauiense.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrar no campo da história e ficção, questões historiográficas são representadas um tanto quanto diferentes. A ficção, por seus meios representativos, bebe em fontes históricas tecendo uma nova narrativa a partir de uma narrativa já existente. Contudo, a narração de cada área se distingue pelo objetivo de cada uma. A concepção de realidade e de tempo assumem formas diferentes para cada área.

A História, a partir do seu exercício de narrar, gera documentos que testificam o fato ocorrido. A Literatura, a partir do olhar historiográfico, ao praticar o ato de narrar, também gera documentos, que por meio da verossimilhança, assume o valor de documento histórico. Assim, tanto a História quanto a Literatura podem contribuir para se realizar estudos historiográficos. Os estudos literários têm tomado emprestado da História várias questões historiográficas que formam o escopo da história da literatura.

A partir da ficção proposta por *Fontes Ibiapina* em *Tombador*, publicada em 1971, tem-se uma representação literária do regime escravocrata no campo da literatura piauiense. Assim, a obra ocupa um lugar restrito, passando a integrar o grupo de obras piauienses que tratam do regime escravocrata.

Para que este estudo se firmasse, fez-se necessário realizar um exercício analítico comparativo documental a partir dos jornais que noticiavam a escravatura em terras piauienses durante o período pós-seca de 1845 até os idos da década de 1870. Dentro desse recorte temporal, houve a Guerra do Paraguai que contou, também, com a participação de senhores de escravos e os próprios escravos piauienses para compor o exército que defenderia as terras brasileiras durante o conflito da Tríplice Aliança.

Tombador, por trazer de forma mais que elementar uma discussão a respeito do regime escravocrata no Piauí, a partir deste estudo, passa a contribuir com a história da literatura piauiense, uma vez que nenhum estudo se fez sobre a obra a partir dessa perspectiva. Assim, a história da literatura piauiense é revisada, uma vez que se inclui mais uma obra de cunho histórico sobre a história do estado piauiense. Eis a contribuição deste estudo.

REFERÊNCIAS

A IMPRENSA. Número 1, 27/06/1865, **Periódico Político**. Teresina, 1866.

A IMPRENSA. Número 36, 31/03/1866, **Periódico Político**. Teresina, 1866.

BARROS, Eneas do Rêgo. **Nonon: o menino da Lagoa Grande**. Teresina: Nova Aliança, 2012.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **O escravo na formação social do Piauí**. Teresina: EDUFPI, 1999.

BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção. *In*: AGUIAR, Flávio (Org.). **Gêneros de fronteira: cruzamento entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997. p. 107-114.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.

IBIAPINA, João Nonon de Moura. **Tombador**. Teresina: Companhia Editora do Piauí, 1971.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 7, n. 14, p. 31-45, jul./set., 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220>. Acesso em: 12 jan. 2023.

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da Imprensa no Piauí**. 3. ed. Teresina: Halley S.A Gráfica e Editora, 1997.

RICOEUR, Paul. Entre o tempo vivido e o tempo universal: o tempo histórico. *In*: RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997. v. 3. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/fronteiraz/article/download/12609/9184>. Acesso em: 20 jun. 2023.